

A CAVEIRA

&

O ROSO

Poesia – 1ª Edição – Mossoró - 2007



JOÃO FELINTO NETO

A CAVEIRA

&

O ROSO

Poesia – 1ª Edição – Mossoró - 2007

2007 © Copyright by João Felinto Neto

F315c Felinto Neto, João.

A caveira & a rosa / João Felinto Neto –  
Mossoró, 2007.

75 p. (1ª Edição)

ISBN: 978- 85-60656-04-2

1. Literatura brasileira – Poesia
2. Poesia norte-rio-grandense. I. Título

CDD: B867.1

CDU: 82 (813.1) - 1

---

João Felinto Neto  
Rua: Francisco de Assis Silva, 1001 – Santa  
Delmira I – Mossoró, RN  
CEP: 59 615 – 790  
Fone – (0XX84) 3318 4245  
e-mail: joaoneto.felinto@bol.com.br  
Site: joaofelintoneto.xpg.com.br

---

Proibida a reprodução total ou parcial, por  
quaisquer meios. A violação dos direitos do autor (Lei nº  
9.610 de 19 de fevereiro de 1998) é crime estabelecido  
pelo artigo 184 do código penal.

Depósito legal na Biblioteca Nacional conforme  
Lei nº 10994 de 14 de dezembro de 2004.

- Quem sabe? Talvez tenhamos  
ainda sensações depois de nossa  
morte.

Julien

O vermelho e o negro  
Henri Beyle (Stendhal)

A CAVEIRA & O ROSO

-

JOÃO FELINTO NETO

Aos que vivem a vida intensamente, pois se não tiverem emoções após a morte, realmente viveram.





## Índice

Prefácio.....	11
A caveira e a rosa	
I.....	16
II .....	18
III .....	20
IV .....	23
V .....	27
VI .....	29
VII .....	33
VIII .....	36
IX .....	41
X .....	45
XI .....	47
XII .....	49
XIII .....	51
XIV .....	55
XV .....	58
XVI .....	61
XVII.....	66
XVIII.....	69
XIX .....	71
XX.....	73

A CAVEIRA & O ROSO

-

JOÃO FELINTO NETO

## Prefácio

A literatura poética enfatiza emotivamente uma história, põe estrelas e soluços de maneira peculiar a ela, tornando o céu, à noite, mais bonito e as lágrimas mais comoventes.

Dessa forma, eu trato minha narrativa, e procuro desmistificar a morte usando seu próprio símbolo, a caveira e traduzo a vicissitude da vida, no amor, através de uma rosa.

Não importam o bem e o mal; as emoções sejam quais forem, devem ser vividas.

Devido à incógnita do pós-morte não nos dá certezas, é que devemos viver a dúvida.

Não sejamos hipócritas para alcançarmos o céu, sejamos verdadeiros para vivermos na terra.

Eis a proposta de *A caveira e a rosa*.

O autor

A CAVEIRA & O ROSO

-

JOÃO FELINTO NETO

A CAVEIRA

&

O ROSO

A CAVEIRA & O ROSO

-

JOÃO FELINTO NETO

A um guia religioso,  
Inquire um bom homem:  
- *Por que justo*  
*Os bons e amados,*  
*A morte consome?*  
Eis que o guia,  
Ocultando os chavelhos e o rabo,  
Assim responde:  
- *Para as coisas de Deus,*  
*Não existe explicação;*  
*Também não,*  
*Para as coisas do Diabo.*

## I

Num império de luxo e riqueza,  
Escondia-se pobreza  
E perversão.  
Eis que um nobre ladrão  
Tornou-se presa  
De sua própria ambição.

A rainha,  
Sua grande paixão.  
Sua filha seria então  
Princesa  
Na inocência de um Rei  
Que era vilão.

No império,  
Era farta a devoção.  
A igreja,  
Ou seja,  
O vil clero,  
Não tão sério,  
Enganava com o credo  
Em sua religião.



Todavia,  
O povo não conseguia  
Reverter esta triste condição.  
Aceitava de bom grado,  
Ser escravo  
Da mais triste escravidão.

A coroa deixava seu recado.  
Acatado  
Pelo bispo que ria  
Do seu padre ali ajoelhado  
Que ainda pedia:  
*- Deixe o dízimo de lado.*  
Era um gesto engraçado,  
O que o bispo fazia.

Não havia justiça;  
Nem de Deus, nem do Diabo.  
Pois o povo, coitado,  
Com o rei não podia.

A igreja sabia.  
Porém, era bem paga.  
E por cada desgraça  
Que a nobreza causava,  
Era dada  
Anistia.

## II

Como as faces de uma moeda,  
Havia também alegria.  
O lugar irradiava harmonia.  
Doce terra,  
Nascia no campo a erva  
Onde o gado comia.

As casinhas eram coloridas,  
Ao redor do castelo  
(O poder do império).  
Todavia,  
O que dava vida  
Era a simplicidade.  
A vila em si, comprimida  
Sempre a sujeição.

A colina,  
De onde se vinha  
Do antigo cemitério,  
Não havia mistério.  
A vila, vizinha,  
Era sossego e tédio.

A estrada  
Por onde passavam  
Os poucos visitantes,  
Ia dar para o mar,  
O mais belo horizonte  
Ao se olhar.

A igreja,  
Uma enorme projeção de fé.  
Construída  
Ao longo da vida  
De um povo que quer  
Uma saída,  
Uma salvação.

A visão  
De alguém que voasse  
Por sobre o lugar,  
Era o mais belo lar  
Pra se viver.

Contudo,  
Na vida, tudo  
Pode acontecer.

### III

Um senhor  
Dedicou sua vida ao rei,  
Que honrava uma única lei,  
A de reconhecer um valor.  
Ao filho daquele, tornou  
Cavaleiro.  
O senhor satisfeito  
Se ajoelhou.

A princesa se apaixonou  
Pelo belo rapaz,  
Que amava demais  
Uma outra donzela,  
Filha do jardineiro.  
Ele foi o primeiro,  
Ela foi a centésima.

Um filho de um nobre covarde,  
Por sua parte,  
Ama a jovem princesa,  
Que foi sua primeira,  
Ele, apenas descarte.

A contenda ali principia.  
Um,  
A princesa queria.  
O outro, se ardia  
Em sua paixão.  
Desde então,  
Razão versus coração,  
Nenhum ponto se ligava.

A jovem que amava o jardim,  
Sabia qual era o fim  
De seu pretendente.  
A princesa,  
A esposa demente.  
Sendo ela,  
A amante ardente.

Já tentara fazê-lo desistir.  
Todavia,  
Ele a persuadia  
Em consentir.

A princesa de nada sabia.  
Seu amado  
Era apaixonado  
Por alguém que lhe correspondia.

Os dois cavaleiros  
Cortejavam a princesa.  
Seu olhar ladeado de tristeza;  
Só a um  
Pertencia o coração,  
O que apenas queria o império,  
Pois amava a dama  
Sem quinhão.

Eis que a dama em questão,  
Era donzela.  
Moça bela  
E do mais fino recato.  
Pelo apaixonado,  
Tinha forte paixão.

Também fora educada  
Dentro da religião.  
Todavia, o que mais prezava  
Era o belo jardim  
E a rosa mais cara,  
De um vermelho carmim.

Sendo assim,  
Eis que um dia acontece.  
A questão, enfim, merece  
Uma resolução acertada.

## IV

Ambos tornam-se amigos.  
Mas no amor é proibido  
Dividir.  
Eis o caso ali,  
Em um mundo isolado,  
Dois varões, um legado,  
Ambos querem para si.

Vivem a discutir  
Por uma fútil razão.  
A verdadeira questão,  
A princesa e o reinado.  
Para um,  
O amor.  
Para o outro,  
O valor do espólio herdado.

Já dois homens formados.  
Um  
De queixo raspado.  
O outro,  
Barba e bigode,  
O mais nobre,  
Tinha o sangue fidalgo.

Com uma cabeleira enorme,  
O mais forte,  
Que tinha a cara lisa  
Quanto o bolso  
(Eis o maior desgosto  
Em sua vida),

Era um conquistador  
De mulheres e fronteiras.  
E de boas maneiras,  
Não deixava transpor  
Sua origem.

Sua abissal coragem,  
O levava a paragem  
Que quisesse ir.  
Todavia,  
Gostava dali.  
E seria ali seu reinado.

O de barba e bigode  
Que era o nobre,  
Mais franzino  
E mais fino,  
Na conquista era pobre.



O amor  
Assolou o seu peito,  
E sem jeito,  
Todo se entregou,  
Desde o primeiro encontro.

A princesa, no entanto,  
O esnobou,  
Repensou, ponderou,  
Finalmente, o usou  
Por prazer  
E também provocou,  
O que havia de ser,  
O seu par.

Contudo, amar  
Não depende de escolha,  
É à toa,  
Como um barco no mar,  
À deriva,  
Segue sem rumo a proa,  
Onde somos a popa,  
Não se pode evitar.  
Eis que pode afundar  
Ou navegar para sempre.

A princesa sabia  
Que o nobre a queria.  
Todavia, com o outro,  
O amor era forte  
Como nenhum lorde  
Sabia fazer.  
Parecia morrer,  
Quando enfim, ele subia  
Para lhe dar prazer.

Ela sempre esperou pelo dia.  
Quem seria  
O noivo escolhido?  
Um eterno amante  
Ou um nobre marido?

Nenhum deles,  
Dela abdicaria.  
Uma luta seria,  
O desfecho do caso.  
No entanto,  
Era um simples cenário.  
Que vencesse o melhor.

Nunca houvera morte.  
Não por sorte,  
Era apenas um jogo de pontos.

## V

Nesse típico reinado,  
Seleção era aceita.  
Na disputa do amor,  
Uma luta era eleita.  
Eis que foi a espada,  
Arma selecionada.  
Que o melhor saia vencedor.

O dia foi escolhido,  
A hora foi marcada.  
Antes do acontecido,  
Houve uma jornada;  
Onde plebeus e nobres  
Lutariam no norte  
Em defesa da pátria.

Entre flechas e o fio da cimitarra,  
Muito sangue jorrara  
No chão.  
Não havia razão.  
Cada boca clamava:  
- *Sem perdão!*

Entre mortos e feridos,  
Vencedores e vencidos,  
Comemoram a vitória.  
Para glória  
De um rei não merecido.

Eis que os dois,  
Cada vez ficaram mais amigos  
E ficaram comovidos  
Com tamanha recepção.  
No palácio, foi a comemoração.  
A princesa,  
Entre os dois admirados,  
Iluminava o cenário  
Com sua exultação.

- *Anunciarei amanhã a minha escolha.*  
Dessa forma seria à toa  
A disputa, o resultado.  
Pois seria anunciado  
Em segredo, ao eleito.  
E este lutaria já sabido  
Quem seria o aclamado.  
Nessa noite,  
Ambos embriagados,  
O nobre se sente abatido.

## VI

A princesa é desperta  
Por uma breve conversa  
Do seu preferido;  
Na qual diz ter nascido  
Para outra donzela.

Assim, ela  
Volta e chora baixinho.  
Seu coração sozinho.  
Recomeça a pensar.  
Não sabia que era tão perversa.  
Porém, começa  
A se reavaliar.

Quando tarde da noite,  
Sai em busca do quarto  
Do nobre embriagado,  
Ela já está certa.  
A princesa então, séria,  
Fala ao nobre, calado,  
E diz a sua escolha:  
- *Mate o adversário*  
*E terás o reinado*  
*E a mim, como esposa.*

*Contaremos à dama  
Que o plebeu ama,  
Que ele será assassinado,  
No dia marcado.  
Ela irá chamar sua atenção.  
Com um lenço na mão,  
Eu darei o aceno.  
Ninguém ficará sabendo  
Que foi uma armação.*

Uma astuta raposa,  
Com tudo armado.  
E no dia azado,  
O jogo começa.

Era um dia de festa.  
Tudo era festejado,  
A vitória,  
O noivado,  
A serena conversa.

O sol brilha  
De maneira irreal.  
O mais belo sol matinal  
Que alguém vira.  
Vê-se o verde das árvores  
Como nunca na vida.

Sente-se o vento soprar  
Em harmonia  
Com a brisa  
Que vem lá do mar.

Quem diria,  
Que por trás das cortinas,  
Uma trama havia?  
O mais sórdido pacto,  
Um funesto recado  
Que a morte trazia.

Todos foram chamados.  
Eis que o jogo se inicia.  
O combate é montado.  
Em sua montaria,  
O plebeu é louvado  
E o nobre aplaudido.  
A princesa lhe lança um sorriso,  
Para o outro,  
Um olhar de sarcasmo.

Este desconfiado,  
Não consegue entender  
O que acontecia.  
A princesa  
Sempre lhe parecia

Querer.  
Quem iria entender  
As mulheres?

Os combatentes se cumprimentam.  
As trombetas dão início ao combate.  
De ambas as partes,  
São os golpes.  
Não há fraco nem forte.  
Ambos se experimentam.

Eram homens treinados,  
Sempre do mesmo lado  
Combateram.  
Eles sempre ganharam  
E jamais ao contrário,  
Perderam.

Eis que o nobre  
Mantém-se calado,  
Não parece zangado,  
Pois tem uma missão.  
O plebeu  
Gosta de uma conversa.  
Com o jogo,  
Pulsa seu coração.



## VII

A destreza e a pressa,  
O mantém ocupado.  
Todavia, um chamado  
Tira sua atenção,  
A dama com a rosa na mão.

Não escuta nenhuma palavra,  
Mas lê em seus lábios,  
Toda aquela aflição.

Com o gládio na mão,  
É então trespassado.  
Olha o sangue jorrado,  
Um aceno,  
Um lenço,  
Vê qual era a razão.  
Fora então combinado,  
Era tarde o recado,  
Tomba,  
Não vai ao chão.

Tenta em vão,  
Suster-se no cavalo.  
O animal ensinado,

Tenta ainda especar  
O seu dono abatido  
Que num triste gemido,  
Tenta um nome gritar.

Correm para ajudar,  
Ante o pasmo amigo  
Que sem ser percebido,  
Fez tudo aparentar  
Um acidente ao acaso.  
Apenas um fato trágico,  
Sem ninguém para culpar.

Nada mais poderia ser feito.  
A espada  
Atravessara seu peito  
Onde o sangue jorrava,  
Tal um leito  
De um rio em cascata.

Como a vida parecia ingrata.  
Uma tragédia  
Em tão triste ato.  
Onde o acaso seria o culpado.  
Eis o fim  
Da grandiosa festa.

Eis que a tarde  
Termina sem pressa,  
E à noite,  
As tochas se ardem.  
O açoite  
Do vento, então, bate  
Nos que sobem a colina.

Atravessam a estranha neblina  
Onde os portões se abrem.  
Uma cova é marcada com tinta.  
Orações numa língua extinta,  
Feita pelo velho padre.

Todos voltam para as suas casas.  
Uma noite iluminada por brasas  
Em diversas fogueiras.  
Como é bela, a vila acesa,  
Apesar da tristeza  
Que arde.

O costume é que o dia seguinte  
Era o apropriado.  
Pois daria a Deus e ao Diabo,  
Tempo para apropriação  
Do corpo ali enterrado  
Dentro de um seguro caixão.

## VIII

Tranqüila madrugada,  
Abalada pelo grito de uma deusa,  
Uma dama abandonada  
Pela morte do amado  
Que lhe deixa.  
Entre tantas,  
Uma queixa:  
A de não ter lhe escutado.  
A ambição por um reinado  
Impôs-lhe esta desfeita.

Ela aceita,  
Nada pode ser mudado,  
Certa do assassinato,  
Da justiça jamais feita.

Era a eleita  
De um amor tão venerado.  
Mas, o peso do pecado  
Nos sujeita.  
Foi assim com seu amado,  
Disso, já tinha certeza.

Seria santificado  
Pela igreja,  
Por seu fim ter sido trágico.

Surgem os primeiros raios  
Na manhã que inicia.  
Segue o som que agora ouvia,  
O que vem do Campanário.

Ao adentrar a igreja,  
Olha o corpo do amado.  
Segue pro confessorário.  
Revela ao cura,  
Que então jura:  
*-Ele será consolado*  
*Nas alturas.*

Segue novamente, a turba.  
Desta vez, com o caixão.  
Em cada mão uma vela,  
Em cada boca uma reza,  
Uma oração.

Adentra o cemitério.  
O povo sério,  
Teme qual é o mistério  
Do pós-morte.

Qual a sorte  
Que a vítima teria?  
Qual caminho  
Seguiria, esse forte?

O coveiro,  
Que usava um ponteiro,  
Pegou a cova marcada  
De madrugada  
E a cavou.

Seus pés inchados  
E as unhas mal aparadas,  
Davam-lhe a aparência  
De um triste lenhador.

O sol faz sombra,  
Pelas cruzes dispersadas.  
Abandonada,  
Alheia a sua descrença,  
A dama olha,  
Ainda em lágrimas,  
A rosa que na mão  
Sustenta.

A terra em pás,  
Arremessada.  
A cova amarga  
Quase se fecha.  
Beijos e lágrimas derramadas.  
A rosa vermelha,  
Arremessa.

A cova que enfim se fecha,  
Tem uma lápide erigida.  
É simplesmente uma pedra.  
Porém, polida.

A bela dama, todo dia,  
Visitava o jazigo.  
Como era doloroso o seu castigo  
Por ter sido ele a vítima.

A princesa  
Tem seu ódio afinado  
Pela ternura e o cuidado  
Com que a cova era mantida.

Uma saída  
Era afastar do amado,  
A bela dama,  
Que insistia.

Eis que assim foi proibida  
A visita ao cemitério.  
Um despautério,  
Mas a norma foi cumprida.

O verão se inicia,  
As covas são mal cuidadas,  
O coveiro não podia,  
Seu tempo não permitia  
Aguá-las.

Nenhuma rosa nascia.  
O chão seco se rachava.  
Numa vala,  
Um cadáver apodrecia.

Porém, uma chuva inesperada,  
Dura mais de sete dias.  
E na manhã que se inicia,  
A notícia é espalhada.  
Uma rosa, enfim, brotara.  
Mas, nada mais havia.  
Mesmo com a terra ainda molhada,  
Nenhum ramo se encontrava,  
Nada mais ali se via.



## IX

A rosa brota  
Numa noite orvalhada.  
Em si formada  
Como fora enterrada  
Com aquele que partia.  
Para tristeza  
Daquela que lhe odiava.  
Para alegria  
Daquela que lhe sorria.

O seu vermelho,  
Um vermelho carmesim  
Tal qual um lábio  
Retocado ao espelho,  
Num tom espesso.  
A rainha de um jardim.

As suas pétalas  
Pareciam mãos sobrepostas  
Escondendo algum segredo.  
Se essas mãos tivessem dedos,  
Como vértebras expostas,  
Dariam medo.

Eis o susto do coveiro  
Ao ver a rosa  
Da filha do jardineiro.  
A mesma que ele cobrira  
Com pás de barro vermelho,  
Posto o chão do cemitério,  
Ser de argila.

A rosa é vista  
Como símbolo de um milagre.  
Eis que o padre  
Diz que a vítima  
É um santo.  
A rosa é mais do que encanto,  
Pura magia.

E por causa da rosa,  
A cova se torna  
Um lugar de peregrinação.  
O culpado que toca a rosa,  
Sente o alívio do perdão.

Ao cego,  
Restitui a visão.  
O tartamudo  
Sai fazendo sermão.  
O aleijado,

Anda rindo, encantado  
Com tamanha emoção.

Entretanto,  
Um sinal parecia,  
Para aquela que havia  
Caído em pranto.  
O espanto,  
É que a rosa escolhida  
Estava cheia de vida  
E de encanto.

A princesa odiava  
Por ter sido obrigada  
A liberar o cemitério.  
- *Que vão para o inferno,*  
Repetia zangada.  
Porém, não aceitava.  
E decerto,  
Novamente tramava  
Algo maléfico.

O nobre,  
Príncipe por direito,  
Continuava sujeito  
À sua eterna princesa,  
Sempre a mesma,

O mantinha envolvido  
Com a sua esperteza.

Quando noite,  
A rosa brilha no escuro.  
Por trás do muro,  
Os fiéis cantam louvores  
Ao rei, às flores,  
Ao escuro.

Toda noite,  
O portão era fechado.  
Os fiéis ficavam  
Do outro lado,  
Esperando amanhecer.

Chove até o sol nascer.  
O povo assustado,  
Não sabia o que fazer.  
A rosa havia sumido.  
Mesmo estando o povo unido,  
Nada podia fazer.

*-É ver pra crer,  
Dizia um dos curados.  
-Estamos amaldiçoados  
Posto isso acontecer.*

## X

Aliás, à noite,  
A rosa fora arrancada  
Por uma cimitarra,  
A mesma que antes  
O ferira.  
Noite sombria,  
O inimigo sussurrava.  
E a chuva apagava  
As pegadas que fazia.

Sai a galope  
Em direção ao castelo.  
Um amarelo,  
Brilha na escuridão.  
Vaso dourado,  
Apinhado  
Até a borda,  
Pela luz que vem da rosa,  
Iluminando o escuro chão.

Eis o clarão  
Insistente mais que a lua,  
Que pela rua,  
Entre raio e trovão,

Encanta àquela  
Que passeia seminua,  
À espera, no portão.

Em sua mão,  
O anel de uma rainha.  
Sede canina  
Ao salivar sua presa.  
Eis a princesa,  
Uma perversa doninha,  
Um noturno furão.

Recebe o vaso  
E o guarda no quarto ao lado.  
Então se entrega  
Com toda devassidão  
Ao seu marido pelego  
Que enfrentou o próprio medo  
Em nome dessa paixão.

Na manhã em que se segue,  
O povo chora a rosa.  
Quem seria tão ruim?  
Nenhum jardim,  
A manteria tão viçosa.

## XI

Um jazigo violado,  
Uma lápide no chão,  
Uma aflição  
Aos olhos de quem ama.  
Quem deflora uma cova santa,  
Não merece ter perdão.

A dama chora,  
Pensa ter sido um ladrão.  
Ladrão de rosa,  
A rosa do coração.

Para o povo,  
Um santo foi maculado.  
Tão vil pecado,  
É certa a condenação.  
Maldita mão,  
Daquele que foi culpado.  
Tão vil pecado,  
Não merece redenção.

Eis que o povo revoltado,  
Cospe o chão santificado  
Pela igreja.

Amaldiçoa o culpado,  
Pede ao santo roubado,  
Que vingança seja feita.

No entanto, a tarde chega  
Como coiote apressado.  
O povo triste e cansado,  
Vai à igreja.  
Cemitério abandonado,  
Resta a deusa,  
Dona da rosa vermelha  
E do coração finado.

Ela enaltece seu amado  
Pela glória do perdão.  
Por engano, foi ele santificado.  
Seja o povo perdoado  
Por tamanha confusão.

A rosa vermelha  
Foi uma chama acesa  
Na escuridão,  
Dando clareza,  
Ante a sua tristeza,  
Que ainda havia paixão.



## XII

Escurece,  
A dama segue para casa.  
Numa prece,  
Pede a Deus compaixão.  
Nas profundezas do chão,  
Uma alma cava  
Com desespero, com raiva,  
Sem compaixão.

A rosa exala  
O perfume de sua Diva.  
Rosa cativa,  
Um presente de suas mãos.  
Sua devoção,  
O manteve enclausurado  
Entre ossos calcinados  
E carne em putrefação.

A rosa então,  
Tornou-se um elo permanente  
Que ainda o prende  
Nas grades dessa prisão.  
Seu coração  
Por ódio petrificado.

O seu legado,  
Fúria e condenação.

Eis a razão  
Que procura sair da terra.  
Arranca erva,  
Despedaça o caixão.  
Entre vermes, come areia.  
O barulho se assemelha  
A uma aranha que caminha pelo  
chão.

Nesse momento,  
O coveiro ao longe fala.  
Aproxima-se da campa encantada.  
Então, se cala  
Ante aquela visão.

Uma mão ressurge no sepulcro  
E no chão fazendo sulco,  
A uma ossada, arrasta.  
Eis que a outra traz uma durindana.  
Da cintura para baixo, aterrada,  
A caveira finca a espada  
E com as duas mãos  
Imprime sua força.  
Tal vulcão que jorra larva,

A caveira está solta.

### XIII

Surge a caveira,  
Dentre a terra escavada.  
Uma espada,  
Ostenta sua mão direita.  
Face desfeita,  
Pelos ossos que lhe falta.  
O vento abraça  
Sua pele de areia.

Estagnado, de olhos arregalados,  
O coveiro treme as pernas.  
Vítima certa  
De um golpe desferido.  
O chanfalho num zunido,  
O acerta,  
Este é decapitado.

O seu manto é rasgado.  
Branco,  
De sangue é manchado.  
Com tarja negra, era usado  
Por respeito aos finados.

Uma bandeira,  
No cemitério é hasteada.  
De cor vermelha,  
Pelo sangue derramado.  
Com tarja negra,  
Pelo luto aos finados.  
Tremula ao vento.

A caveira então monta  
Uma besta escaveirada.  
Em disparada,  
Lança o chanfalho no portão.  
O cemitério como boca escancarada  
Que pede um pouco de pão.

Na escuridão,  
A nevoa oculta sua imagem.  
Uma miragem, aquela triste visão.  
A lua esconde-se nas nuvens,  
Apavorada,  
Sua luz  
É oculta por tamanha maldição.

A caveira procura  
Pela rosa arrancada  
Pela mais terrível espada,

A cimitarra da traição.  
Mas, todo aquele  
Que ao seu mal se assemelha,  
Não lhe é presa.  
Pois serve ao ódio, à dor,  
À vingança e ao horror.

O que a tornou  
Um ser maldito  
Foi não temer o castigo  
E pedir ao proscrito  
Pra ser vingado.

O mal por ele invocado,  
Foi surpreendido  
Pelo perdão comovido  
De uma deusa.  
Sua alma, assim, foi presa  
Na caveira,  
Pelo amor posto na rosa.

Entre Deus e o Diabo  
Teve o ódio enaltecido.  
O seu amor foi vencido  
E sua liberdade, aceita.

Sua prisão fora desfeita,

Quando arrancaram a rosa.  
Contudo, a exigência feita,  
Era trazê-la de volta  
Com almas por Deus eleitas.

Volta a lua a iluminar  
O caminho da caveira.  
Sua alma queima em brasa.  
Procura o mar.  
Sente o verme a escavar  
Na pouca areia  
Que o vento quis deixar.

Vêem-se as luzes da vila  
À distância.  
Para aqueles que são bons,  
A esperança  
Tende a acabar.

O mau cheiro cobre o ar  
Tal qual carniça.  
Como velhas dobradiças  
É o barulho da besta a cavalgar.

Na calma desse lugar,  
Ninguém esperaria  
Que uma caveira viria, almas pescar.

## XIV

Vê-se o espectro cadavérico  
Iluminado pela lua,  
Cavalgando pela rua  
Em sua besta.  
Tal qual tochas acesas,  
São seus olhos.  
Vêm-se vermes em seus ossos.  
A mais horrenda caveira.

Pela cavidade óssea  
Do que fora um focinho,  
Vê-se o hálito da besta  
Que ofega  
Tal qual um redemoinho  
Que ao telhado carrega.  
Uma fera  
Desprovida de carinho.

Apeia-se a caveira  
E caminha  
Onde se escuta a turba lamentar  
Pelo santo ofendido.  
A caveira num estampido,  
Faz o chanfalho rasgar.

Na igreja,  
O seu nome é exaltado.  
A caveira  
Destrói o relicário.  
Um fanático,  
Então, lhe apedreja.  
Num instante,  
O mesmo é decepado.  
Cai no altar, sua cabeça.

A caveira  
Segue pro confessorário  
Onde o padre amedrontado  
Se esconde.  
Num só golpe,  
Ante um olhar de surpresa,  
Os seus ossos  
São banhados de sangue.

Entre outras cabeças,  
Monta a besta.  
Vez por outra desvia o caminho.  
Segue desde o cemitério  
Em direção ao castelo.  
Como um cão que algo fareja,  
Um devorador de presa,  
Sem matilha e sozinho.



Desvia novamente seu caminho,  
Segue em direção ao mar.  
Como alguém a lhe chamar,  
Escuta as ondas.  
Todavia, às suas costas,  
Sente a rosa  
Se aconchegar.

Continua a caminhar  
Pela areia.  
A caveira, no entanto, é percebida  
Por um bêbado  
Que já esqueceu da vida.  
Entretanto, jamais de uma bebida  
Rejeitar.

Põe-se à garrafa tragar  
E a fitar o espectro magro.  
Em seus olhos ressacados,  
Tenta enfim, deslumbrar,  
Uma figura com vida.  
Pois devido à bebida,  
Poderia se enganar.

## XV

A caveira caminha pela praia,  
Desvairada,  
Em si retrata  
A tristeza e a solidão.  
Enquanto o bêbado  
Desgasta-se em sua garrafa  
E chama a sua atenção:

*- Diga irmão,  
Sua face está magra.  
Está na cara,  
O motivo é o coração.  
Tome um trago.  
Pois a vida é mais amarga  
Que qualquer desilusão.*

Eis que a bebida  
Molha os ossos calcinados.  
Alucinado,  
O bêbado perde a direção.  
Na mão da caveira  
O copo é despedaçado  
Tal inseto que é pisado  
Em uma desatenção.

Volta à vila,  
À rua em que vivia,  
À mesma praça em que sorria,  
Quando criança.  
Não era sua lembrança,  
Mas a de um casal que ali havia.

Em meio à praça,  
A caveira  
À besta pára.  
Dela se apeia.  
Sua pele de areia,  
O vento lava.

Em um banco, apavorado,  
Um casal idoso chora.  
A caveira  
Foi então o filho amado  
De outrora.

Eis que a praça  
É de pedra rejuntada  
Com argamassa  
E polida com carvão.  
Os ossos no atrito das passadas,  
Dão a impressão errada  
Do barulho do trovão.

Ante o casal,  
A espada é levantada.  
Com a força impregnada,  
Duas cabeças  
São roladas  
Sem nenhuma compaixão.

Uma mão  
Ainda toca sua ossada.  
Porém, tem a pele queimada  
Tal se queima em lampião.

A caveira,  
Sem nenhuma emoção,  
Monta a besta escaveirada  
E procura a estrada  
Na discreta escuridão.

Em uma mão,  
Mantém sempre sua espada.  
A outra atraca  
O pescoço do animal,  
Na escuridão.

## XVI

Pedregulhos e poeira na estrada,  
Uma ossada perambula noite inteira.  
Sai o sol, quando desce a ladeira  
De acesso ao palácio.  
Vê-se ao longe,  
Ainda na besta montado,  
O espectro da caveira.

Subitamente, as portas das casas  
São fechadas.  
Toda a gente, amedrontada,  
Esconde a cara.  
O mau cheiro  
Espalha-se como o medo.

Eis que um mensageiro  
Segue em disparada.  
Todavia, tem a cabeça arrancada  
Pelo chanfalho da caveira.

Na distância,  
A poeira é percebida.  
Uma sentinela avisa  
Que um cavaleiro se aproxima.

Bem que a prática nos ensina,  
E da muralha,  
Apesar da densa poeira:  
*- Aproxima-se do castelo,  
Um espectro.  
E parece uma caveira!*  
Enfim, a sentinela fala.

A atalaia, no entanto,  
É precavida.  
Com sua trombeta, avisa  
Uma legião formada.

O exército se organiza,  
A cavalo e com espada  
Sai em uma cavalgada  
Para por em risco a vida.

A legião desconhecia  
O que iria enfrentar.  
Porém, ao se aproximar,  
Não queria acreditar,  
O que cada olho via.

A caveira sobre a besta,  
No movimento rangia.  
Sua espada parecia

Uma vespa,  
Quando o ar golpeava.

Dá-se o encontro premeditado.  
Homens e cavalos assustados  
Enfrentam a caveira.  
E em meio à poeira  
São ceifados  
Como milho na colheita.

Talvez, tenha sido asneira.  
A caveira  
Não podia ser tocada.  
A espada na areia  
Se enterrava.  
Quando um osso ela atingia,  
Se quebrava.

Tantos homens acéfalos,  
Entre cabeças amputadas.  
Quantos séculos  
A carnificina seria lembrada.

Poças de sangue  
No solo se formavam,  
Onde as patas dos cavalos  
Se banhavam.

A caveira,  
Entre os poucos sobrevividos,  
Em seus golpes era certa.  
Então numa só carreira,  
A legião foge assombrada.

Na descida da falda,  
A caveira sente o perfume exalado.  
Na janela do palácio,  
À luz avista.  
É um brilho  
Que a ela hipnotiza,  
Tal a mariposa viva  
Que à luz se embriaga.

E no fio da espada,  
A caveira passa a mão.  
Um ranger de doer o coração  
Quando o osso toca  
O gume que escapa.

A corrente  
Que ao enorme portão atraca,  
É cortada  
Pela espada incandescente.



Nessa hora,  
Mesmo o súdito mais descrente,  
Ajoelha-se e pede graça.

Quando se apeia  
Da besta,  
O movimento é macabro.  
Seu chanfalho, tal machado,  
Corta o portão de madeira.

A caveira  
Quando adentra o pátio,  
Olha pro alto  
E caminha sem barreira.

Que figura triste e feia,  
Deixa qualquer um  
Assombrado.  
A mais hedionda caveira  
Sobe para o telhado.

O rei  
Com a facção que o rodeia,  
Foge para um reservado.  
Entre nobres adutores,  
Estremece de terrores  
Ante o pavor da caveira.

## XVII

Eis que a rosa  
Brilha no quarto ao lado,  
Onde um vaso dourado  
A sustenta.

A princesa nota a incandescência.  
Porém, sua consciência  
Não tem peso  
Nem pecado.

Firme como um golpe de machado  
Quando a árvore decepa,  
É a decisão daquela  
Que mantém aprisionado  
O coração da caveira  
Em um vaso sobre a mesa  
Na rosa simbolizado.

Vê-se agora o espectro iluminado.  
Com o espírito envenenado  
Tal o ferrão de uma vespa.  
- *Queira Deus meu ódio cresça.*  
Diz a perversa princesa  
Ao espelho então fitado.

Quebra, a caveira, o telhado.  
E adentra o palácio.  
Nos corredores,  
Anda tal num labirinto  
De horrores,  
Andaria um menino.

Com seu chanfalho  
Devassa os aposentos.  
Em pouco tempo,  
Encontra os olhos da princesa.  
Não vê tristeza,  
Só vê ódio e tormento.

A princesa joga o lenço  
Do aceno  
Que lhe vitimara.  
A caveira esboça apenas um sorriso.  
Dá as costas  
E adentra o outro aposento  
Onde está a rosa.

A princesa, feito louca,  
Chama aquele que a serve fielmente.  
O nobre,  
Dono do golpe  
Que o ferira mortalmente.

A caveira  
Olha a rosa longamente.  
Nessa hora,  
Até parece a si voltar.  
Os seus olhos se apagam tristemente.  
Mas, a chama de sempre  
Teima em voltar.

Nesse momento,  
Pega a rosa e põe na boca.  
Nesse tempo,  
Alguém intervém na porta.  
Com a rosa presa à boca,  
Segue em frente,  
Não se importa.

Eis então,  
Que o valente  
Se acovarda.  
A caveira,  
Pega o mesmo corredor.  
Como se sentisse dor,  
Ela então, pára.  
Dá uma última olhada  
No que restou.  
Duas almas condenadas  
Por rancor.

## XVIII

Em passos lerdos,  
A caveira segue em frente.  
O som de correntes,  
Chama sua atenção.  
Levanta a mão  
Num golpe, ao chanfalho solta.  
Derruba a porta  
Que dá para a prisão.

O calabouço  
Tem um odor impregnado.  
Desce a caveira,  
Cada degrau encharcado  
Pela perene infiltração.  
Chega ao salão  
Onde estão todas as celas.  
Os prisioneiros  
Temem aquela visão.

Com o chanfalho  
Rompe as grades  
Pela ferrugem, retorcidas.  
Onde o piso  
De madeira enegrecida,

Recebe os passos  
Macabros.

Ante os culpados,  
Dá as costas,  
Segue em frente.

Os inocentes  
Que estavam aprisionados,  
Tem os regaços cortados  
Como numa guilhotina.

A caveira  
Se dirige para cima,  
Onde nenhuma esgrima  
Tem coragem de enfrentá-la.

Uma figura macabra  
Que caminha  
Em corredores vazios.  
Homens bravios  
Tornam-se damas finas.

Tristes retinas,  
Pela caveira, fitadas.  
Foram queimadas,  
Galhos secos na caatinga.

## XIX

Mente assassina  
Que ainda observava.  
A princesa revoltada,  
Olha a caveira, de cima.

A caveira  
Toca o chão ensangüentado.  
Não isolado  
Pelos corpos espalhados  
Tal as pedras num lajedo.  
Só morte e medo,  
Trouxe o gume do chanfalho.

Com a rosa presa à boca,  
Monta a besta escaveirada.  
Segue louca,  
Em disparada,  
Pega a estrada novamente.

Vento brando  
Quando pela vila passa  
Rumo ao campo-santo.  
Sua ossada  
Parece lavada em pranto.

Toda a gente  
Fica boba e calada.  
A caveira, no entanto,  
Nas proximidades, marcha.

Quando um cheiro de jasmim  
Invade o campo,  
Está contígua ao jardim.  
Vê a dama, um encanto.  
Finalmente, o sofrimento  
Tende chegar ao fim.

A figura  
Não parece mais tão lôbrega.  
A besta meio trôpega,  
Continua.

Ante uma desventura,  
Então, se exalta.  
Porém, mantém a calma,  
Assim atua.

Tal uma cobra se insinua  
Ante a presa,  
Se comporta a caveira,  
Ao ver a sua.



## XX

Pára,  
Olha a dama friamente,  
Passeando em seu jardim.  
O amor de antigamente  
Tem seu fim.

Eis que a dama  
Sente o coração em brasa.  
Vê enfim,  
Perto de casa,  
A caveira com a rosa presa à boca.  
Como louca,  
Corre para abraçá-la.

Em sua mente,  
Era o amor que enfim, voltava.  
Como se tivesse asas,  
Sobrevoava o jardim.  
Os seus pés o chão tocava.  
Um sorriso se formava,  
Os dentes cor de marfim.

Todavia,  
O que jamais ela esperava,

Um chanfalho é levantado  
E num golpe abalizado,  
Sua cabeça é decepada,  
Morre assim.

A caveira,  
Que mantém na boca, a rosa,  
Corre alucinada  
Em busca de sua cova.  
A necrópole escancarada,  
A tem de volta,  
Em sua besta escaveirada.

Por encanto,  
Sua besta é desmembrada.  
Antes, salta  
Pro solo do campo-santo.

Tira a rosa  
De sua boca deformada,  
Põe na cova  
Maculada  
E caminha para a lápide mexida.

Ergue a pedra polida  
E põe de volta.  
Enterra-se com o chanfalho

Em seu mundo solitário.  
Brilha a rosa,  
Enquanto os ossos na cova  
Desmembram-se enfim.

Não sabemos se eterno.  
Nas profundas do inferno,  
A caveira tem seu fim.

---

---

ESTE LIVRO FOI IMPRESSO NA CIDADE DE MOSSORÓ EM  
FEVEREIRO DE 2007 EM SISTEMA DIGITAL DE CAPA E MIOLO.